Psicologia Educacional
Sacha Calabrese Modolon

Discussão sobre o questionário feito a um profissional da área da educação

O profissional selecionado para responder ao referido questionário do apêndice é um professor de história e ensino religioso de uma escola pública. Esta se caracteriza por estar em uma zona precária de uma cidade tão importante quanto Criciúma, por consequência, o perfil socioeconômico e cultural dos seus alunos reflete o ambiente em que estão inseridos, ou seja, o convívio com uma situação de marginalidade e de ignorância estrutural. Defino "ignorância estrutural" como a promoção de um elemento passivo na crítica de seu entorno, por exemplo, em relação a exploração clientelista da política, de situações ilícitas efetuadas nas redondezas, da religião utilizada como "ópio do povo", etc..

Sobre nosso entrevistado é interessante salientar certas características, começando pelas suas graduações. Está para se formar em Biomedicina e é formado em História, a primeira pela universidade UNESC e a segunda, pelo sistema de educação a distância, UNIASSELVI. O seu objetivo para a segunda foi precisamente trabalhar na área do ensino e visando um público marginalizado, pois, divide suas atividades tanto profissionais como educacionais, com projetos de mobilização social. Outro fator que deve ter-se em conta é tanto sua própria condição física como econômica, ou seja, um jovem louro de olhos claros e de setor econômico acomodado, o que provoca um certo contraste no seu ambiente, que ao longo da entrevista, ele evidencia como um primeiro fator de dificuldade, não tanto no trato com seus alunos, mas com os profissionais da escola e os pais. Tendo definido o campo de atuação do profissional, discutiremos as dificuldades recém-levantadas.

Quando perguntado sobre

> Interpretação e leitura de texto. Existe uma dificuldade na leitura, mesmo que o aluno não perceba que está sempre lendo, mas como um leitor movente no celular. Porém em texto mais concretos e perguntas na sala, por uma dificuldade de concentração, apresentam dificuldade e desistem fácil.

O analfabetismo funcional, e político, é um problema que, obviamente, transcende setores sociais, no entanto, é mais evidente, pelas consequências mais profundas, nas classes

mais baixas. O entrevistado é professor do sexto ao nono ano, uma faixa das mais importantes, seguindo o professor, no desenvolvimento a posteriori do aluno. “Claro que este ao decorrer da escola pode se surpreender de quão importante é a aprendizagem e até chegarem a gostar de verdade, por isso, trato de, pelo menos, promover uma crítica a sociedade, e trabalhar o tema de que eles não estão condenados a situação que hoje se encontram.” O professor relata que a participação pode até chegar a ser animada, mas manter isso no tempo, é algo complicado, pois, o que trazem de casa é um fator negativo mui imperante. Diz ser muito fã do trabalho pedagógico do grandioso Paulo Freire e sua visão sobre o dito “oprimido” e comenta ironicamente, “espero evitar a ideologia marxista e comunista, e ista e ista”. Sobre o projeto da Escola sem Partido “devo responder sobre tamanha estupidez ?”.

Ironicamente, responde rindo o mesmo, essa é a principal queixa de seus alunos. Que exige muito de suas reflexões e que cobra muito para que entendam e construam um pensamento próprio e não somente repetido. “Trato de pensar que existe uma predisposição a passividade. Tanto pelo que dizem seus pais, como pela postura de certos professores, que estressados, preferem deixar de lado muito alunos, que em si, quando bem provocados, trazem para sala muitas problemáticas legais de se trabalhar”.

Em relação aos pais, não que seja uma reclamação recorrente,

> Recebi uma queixa este ano, porque estava explicando sobre uma religião que não era a dos pais do aluno. Expliquei diversas religiões este ano, num certo momento uma mãe de um aluno veio por mensagem cobrar porque eu estava dando aula nas palavras dela, “sobre uma ’seita’”, que seria o espiritismo. Ainda colocou que “na época dela a religião que os pais não gostavam o aluno não precisava ter”, e colocando que eu falei pouco da religião católica.

De bom humor, e muito sarcasticamente, pergunta-me quantos igrejas eu acho que existem no bairro. Eu respondo, devolvendo o sarcasmo, perguntando quantos bares. Ele ri e relata que “o espiritismo, bem como as religiões africanas, por mais que sejam importantes no desenvolvimento da cultura do país, e de certa forma na sua identidade, sofrem de um preconceito totalmente incoerente”, respira e completa, “eu acho que se deve tanto a um racismo racial, mas principalmente econômico, como se, deixando de lado essas praticas, pode-se ser aceito em classes ‘superiores’, ‘europeias’, ‘yanquis’, sei lá. O que não faz o

menor sentido! Agora, é certo também que existe uma lavagem cerebral e que 'cabeça vazia é oficina de pastor'", completa com a insinuação de se eu adivinharia quem eram os candidatos a vereador daquela região.

Seus alunos, no entanto, demostraram um interesse genuíno e até chegaram a perguntar, extraclasse, sobre uma que outra dúvida.

Conforme o exposto, sobre a relação professor progenitor, diz enfaticamente

> A construção tem que ser conjunta na escola e em casa, para que as crianças tenham o habito de estudar e aprender.

Lembrando o documentário apresentado em aula, e de posterior "artículo", "Pro dia nascer feliz", é normal o convívio com a marginalidade. O excelente docente confidencia que sabe muito bem quem vende drogas no recinto escolar, quem tem um irmão metido no tráfico, ou pai, ou etc.. que mãe se prostitui, que crianças já fizeram uso de álcool ou algum entorpecente. "Muitas vezes, vindo trabalhar, vi os 'foguetinhos', por assim dizer, passeando pelos entornos como se nada fosse nada. Dizem que se proíbe roubar a escola ou os professores. Nunca tive nenhum problema e até mesmo conversei com um ou outro pai, mas a situação é complicada, pois, onde não chega o Estado…".

Perguntado sobre o uso de psicólogos nas escolas, ele primeiro ri, e me diz "se você visse minha escola, realmente veria que estamos quem sabe muito distantes dessa realidade efetiva", mas

> Muito importante. Nas escolas deveriam em cada uma , existir um atendimento aos alunos, professores e funcionários envolvidos na educação. É nítido que os problemas que os alunos passam e demonstram em sala de aula são derivados ou respectivos da relação social em que vivem e estão inseridos.

Ele particularmente nunca viu um. Sabe que de vez em quando algum aparece, no entanto pergunta-me, "não é necessário um seguimento, sei lá, mostrar que estão ai porque se importam e não porque são obrigados? Quase pareceria que fazem de má vontade, pois digamos, aqui não é a *escola X (omito o nome da escola). Um castigo".*

Sobre a temática a ser trabalhada e um possível plano de ação

Em um anterior trabalho, que infelizmente o mesmo que os escreve não conseguiu apresentar, mas praticamente colocou seu espírito sarcástico e critico nas linhas negras, tratamos de expor como o desenvolvimento da educação e do homem é simétrica. Como a civilização se construiu a partir do elemento do olhar para si e da visão no outro. Demos exemplos e o relacionamos com o documentário supradito.

Retomando uma problemática e nos permitindo auto-citar com toda humildade

> Sendo assim, é obvio que existe uma separação entre escola e sociedade, e é mais obvio que alguém deveria fazer de elo. (…) As aulas nessa matéria giram em torno do papel participativo do psicólogo na sociedade, que outro lugar, esse psicólogo social, é mais importante no que nas escolas? (…) É por acaso o papel do psicólogo somente nas escolas elitistas? É pura má vontade social e política? Condicionar é educar, *another brick in the wall*? Limitemos a capacidade de desenvolvimento e criativa dos nossos alunos! Que cômodo é para todo mundo! Logo para quê um psicólogo mostrando-o como um sujeito e não mais um número?

Em um mui interessante artículo, a senhorita Salete Peters e outros, descrevem suas experiências em uma escola como a nossa apresentada, ou seja, uma escola marginalizada. O que a primeira vista demonstra que não tratamos de casos isolados, mas também, de certo viés positivo, que existe um trabalho de revolução social.

Nesse estágio, ela e seus companheiros, percebem que a escola, nos sábados e domingos, possui um programa chamado "Escola da Família". Neste as crianças e adolescentes são retiradas das ruas e ensinadas tanto a um ofício, como a atividades mais lúdicas. Os futuros psicólogos o que fazem é, simplesmente, aproveitando esses encontros, e participando para se enturmar, levar esses jovens até uma pracinha e sentar-lhos para conversar e ouvir. Nisso muitas problemáticas são trabalhadas e discutidas, certos receios, vontades reprimidas e desejos de melhora. Promove-se uma visão crítica do seu entorno e permite que esses jovens, talvez não todos, mas, pelo menos, uma substancial parte, quando cheguem a ser futuros pais e mães, que seguindo o contexto não demorará muito, se é que já não são, consigam retrabalhar certas noções totalmente defasadas, como por exemplo, a não ascensão social, o conformismo, a falsa meritocracia, etc… o objetivo é, seguindo GUZZO (2005) apud PETERS et al, "contribuir para a formação de uma identidade coletiva e emancipação da pessoa".

E de acordo com FREIRE (2005) apud PETERS et al,

> Para que surjam atores sociais, pessoas que empreendam um processo libertador dos seus grupos, da sua comunidade, necessita-se criar espaços de autonomia dos sujeitos favorecendo a práxis na qual se une a ação e a reflexão sobre o mundo.

Outro artigo, similar ao trabalho apresentado nesta matéria, foi o efetuado pela psicóloga Thais Zaco Andrade. O tema é um analise do resultado de entrevistas feitas a professores e psicólogos da área educacional sobre sua atuação na mediação com alunos e das dificuldades e benefícios destas. E ela constata que esse elo supradito, aluno-sociedade, não é somente composto da mediação objetiva e crua de professores e psicólogos, "mas sim, os signos ou conhecimentos internalizados; assim, ambos trabalham visando contribuir para a aprendizagem, como uma ponte entre a criança e o conhecimento historicamente acumulado".

Quando se desenvolve o elemento subjetivo da criança ou adolescente, tanto numa área lúdica ou outra, cria-se oportunidades. A criatividade passa a ser estimulada, a introspecção passa a ser encorajada, e o meio a ser remodelado. Alguém poderia questionar o papel de vanguarda do psicólogo? E no Brasil em que a Psicologia Educacional e a Psicologia como um todo tem sua origem e desenvolvimento paralelos (BARBOSA, 2012), dificilmente poderia ser deixada de lado tal característica.

A função do psicólogo escolar está longe de ser resumida em uma atividade de simples escuta como fica vulgarmente compreendido. Obviamente tem sua importância, mas deve aprofundar-se muito mais na preparação de qualquer plano de ação. Antigamente se acreditava que somente eram úteis para aqueles mais "revoltosos" ou com maiores deficiências de aprendizado. Hoje se compreende que abarca toda essa sociedade chamada escola.

Logo, se devêssemos trabalhar um plano de ação para a escola do supradito professor entrevistado, trataríamos de elaborar, onde não existisse, projetos extraclasses, mesmo com toda a dificuldade consequente. Que apenas conseguíssemos atrair alguns não seria o problema, pois promoveríamos para outros. Todo projeto revolucionário é confrontado com a resistência e passividade do oprimido. Entretanto, se tais atividades já existissem, como no primeiro artigo mencionado, porque não fazer o mesmo? Porque não aproximar-se e instigar essas discussões?

> Sobre as Estratégias do psicólogo diante das dificuldades na escolarização, deve-se resgatar em conjunto acontecimentos que produziram a demanda, e investigar possibilidades de progressão, diante do que é apresentado, realizando um

> trabalho coletivo, observando as atividades das crianças, com aspectos relacionados à sua queixa. (ANDRADE, 2018)

Os primeiros passos são tão complicados quanto o mantimento ao decorrer do tempo. No entanto, esperar que tal atividade se inicie sem uma preparação prévia ou uma provocação e trabalho na predisposição do discente, é pura utopia.

Necessário seria uma pesquisa mais profunda que abarcasse mais elementos de análise para a preparação do mencionado projeto. Pois é mester que a etapa de seu planejamento seja tomada com calma e com base sólida. Uma projeto passado a ação de qualquer forma apenas reforçaria a resistência.

Imaginando que estejam dadas as condições e o trabalho possa ser iniciado, com o tempo espera-se que as resistências deem lugar aos "desabafos". Quando a queixa passa a ser não somente do sujeito em relação a ele e sim dele quanto ser existente e criativo (de criar) de uma sociedade, começam a plantar-se os alicerces da crítica e da renovação.

Logo, se a problemática deste trabalho é "o que fazer", as pinceladas estão dadas para todo aquele que assim se interessar em ver. Não podemos estender-nos mais pois não é o objetivo geral resolver os problemas da humanidade e as diferenças de classe, no entanto, nos sentimos, moral e profissionalmente, no dever de ressaltar quantas vezes seja necessário este papel de mudança social nas mãos do psicólogo e, desde já, provocar e promover mais temas sobre tal campo.

Apêndice

Essas perguntas formaram mais uma "direção a seguir", que propriamente o "caminho em si". Como se depara da primeira parte do trabalho, existiu uma conversa mais "informal" que tratei de colocar no meio do texto corrido e as respostas, por assim dizer, mais "formais" ou "protocolares", coloquei como parte das citações em evidencia.

1. Qual a sua formação e em que ano você se formou?
2. Trabalha com alunos de que série?
3. Quais são as dificuldades apresentadas pelos alunos de sua turma (ou turmas)?
4. Quais são as queixas dos pais ou responsáveis?
5. Quais são as queixas dos alunos?
6. Na sua opinião, qual é o papel do professor como mediador entre o aluno e seu meio?

7. Em que série você acredita ser mais difícil trabalhar?
8. Os pais interferem muito em relação a sua forma de trabalhar?
9. Qual é sua opinião sobre o trabalho em conjunto entre pais e professores?
10. Qual é sua opinião sobre o auxílio do psicólogo na escola? E em que sentido ele pode ser útil para a presente?

Referências

PETERS, S.; CUNHA, G.G.; TIZZEI, R. **“Uma experiência em Psicologia, Educação e Comunidade”**. Psicologia & Sociedade; 18 (3): 82-87; set/dez. 2006. Citado 2020-11-24. Retirado do sistema Unimestre da Faculdade Esucri.

ANDRADE, Thais Zaco. C**ONCEPÇÃO DE PROFESSORES E PSICÓLOGOS SOBRE O PAPEL DA MEDIAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL**. 18 Congresso Nacional de Iniciação Científica, CONIC SEMESP. 2018. Citado 2020-11-24. <Disponível em http://conic-semesp.org.br/anais/files/2018/trabalho-1000002530.pdf>

BARBOSA, Deborah Rosária. SOUZA, Marilene Proença Rebello. **Psicologia Educacional ou Escolar?** Eis a questão. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 16, Número 1, Janeiro/Junho de 2012:163-173. Citado 2020-11-24. Retirado do sistema Unimestre da Faculdade Esucri.